

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlindo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Letras: representações, construções e textualidades

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L649 Letras: representações, construções e textualidades /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-184-5
DOI 10.22533/at.ed.845210706

1. Letras. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de
(Organizador). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS: REPRESENTAÇÕES, CONSTRUÇÕES E TEXTUALIDADES**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; estudos em adaptação e tradução; e outras temáticas.

Estudos literários traz análises sobre identidade cultural, memória, resistência, feminino, ecocrítica, cultura, regionalismo, história, poesia, prosa, turismo e literatura.

Em estudos em adaptação e tradução são verificadas contribuições que versam sobre literatura e teatro, além de mitologia andina.

Outras temáticas congrega estudos sobre arquitetura do espaço escolar e sociologia das ausências.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| IDENTIDADE CULTURAL EM TRÂNSITO: UM OLHAR A PARTIR DO CONTO “RÉPLICA” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE | |
| Maria do Socorro Souza Silva | |
| Maria Lidiana Costa | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107061 | |
| CAPÍTULO 2 | 13 |
| LITERATURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: APROXIMAÇÕES ENTRE CONCEIÇÃO EVARISTO E MÁRCIA KAMBEBA | |
| Lívia Verena Cunha do Rosário | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107062 | |
| CAPÍTULO 3 | 25 |
| O CONCEITO DE RESISTÊNCIA PRESENTE NO CONTO <i>ANACONDA</i> , DE HORÁCIO QUIROGA: UMA ANÁLISE DA LITERATURA LATINA SOB O VIÉS DO PÓS-COLONIALISMO | |
| Geovani Augusto Nunes | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107063 | |
| CAPÍTULO 4 | 32 |
| “LOS CONVIDADOS DE AGOSTO”: SIMBOLISMO Y TRANSGRESIÓN FEMENINA | |
| Karina Reis de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107064 | |
| CAPÍTULO 5 | 37 |
| A VISÃO ECOCRÍTICA DE MIYAZAKI EM PRINCESA MONONOKE | |
| Nicole Torres Pacheco | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107065 | |
| CAPÍTULO 6 | 51 |
| DISCURSO E IDEOLOGIA EM ANGÚSTIA: UMA BREVE ANÁLISE | |
| Larissa Xavier de Oliveira | |
| Maria de Lourdes Rossi Remenche | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107066 | |
| CAPÍTULO 7 | 62 |
| ALENCAR CULTURA E IDENTIDADE EM <i>TIL</i> : UMA ABORDAGEM DISCURSIVA | |
| Micheline Tacia de Brito Padovani | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107067 | |
| CAPÍTULO 8 | 73 |
| O REGIONALISMO REVISITADO NA AMAZÔNIA: BELÉM DO GRÃO PARÁ E DOIS IRMÃOS | |
| Damaris de Souza Silva | |

Veronica Prudente Costa
Rosidelma Pereira Fraga
DOI 10.22533/at.ed.8452107068

CAPÍTULO 9..... 89

SAMBAÍBA DESCREVE AS VIVÊNCIAS DO SERTÃO PIAUIENSE: FONTES IBIAPINA À LUZ DAS TEORIAS DE LUKÁCS E BENJAMIN

Layane Rodrigues dos Santos
Raimunda Celestina Mendes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.8452107069

CAPÍTULO 10..... 101

MISÉRIA E “MAU GOSTO” EM RODOLFO TEÓFILO E LUÍS ROMANO

João Luiz Xavier Castaldi

DOI 10.22533/at.ed.84521070610

CAPÍTULO 11 112

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO: LITERATURA E HISTÓRIA DO SÉCULO XIX

Tamara Cecília Rangel Gomes
Ethmar Vieira de Andrade Filho

DOI 10.22533/at.ed.84521070611

CAPÍTULO 12..... 116

DIZER O INDIZÍVEL: OS NEGROS E A ESCRAVIDÃO NO DISCURSO DE VIAJANTES ARGENTINOS AO BRASIL

Lyanna Costa Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.84521070612

CAPÍTULO 13..... 128

FUTEBOL, POLÍTICA E CULTURA NO CONTO “JÁ PODEIS DA PÁTRIA FILHOS”, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Lucas Santana Viana Pontes

DOI 10.22533/at.ed.84521070613

CAPÍTULO 14..... 136

SOB A PELE DAS PALAVRAS: ANÁLISE DE UM POEMA DE MICHELINY VERUNSCHK

Natália Tano Portela
Danilo Santos Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.84521070614

CAPÍTULO 15..... 143

O DIÁLOGO INTERTEXTUAL IMPLÍCITO EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Igor Azevedo Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.84521070615

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 16 | 158 |
| TURISMO E LITERATURA: A EXPERIÊNCIA PORTUGUESA | |
| Eva Maria Marques Milheiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.84521070616 | |
| CAPÍTULO 17 | 169 |
| A ADAPTAÇÃO TEATRAL: EFEITOS DE SENTIDO DA OBRA LITERÁRIA NO TEXTO DRAMÁTICO | |
| Maria Clara da Costa Lopes | |
| DOI 10.22533/at.ed.84521070617 | |
| CAPÍTULO 18 | 184 |
| TRADUÇÃO COMENTADA DA MITOLOGIA ANDINA “URSO RAPTOR” DIALOGANDO COM BELÉN | |
| Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.84521070618 | |
| CAPÍTULO 19 | 193 |
| DO CONCEITO DE ESPAÇO: UMA REFLEXÃO A CERCA DA ARQUITETURA DO ESPAÇO ESCOLAR | |
| Francisca Rodrigues Lopes | |
| Marcos Rafael Monteiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.84521070619 | |
| CAPÍTULO 20 | 205 |
| A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS DE SANTOS E A CEGUEIRA DOS SABERES DE MORIN PELO VIÉS DOS REGIMES DE INTERAÇÃO DE LANDOWSKI | |
| Wiliana Carneiro Carvalho | |
| Noelma Oliveira Barbosa | |
| Bruno Gomes Pereira | |
| Juscelino Laurindo dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.84521070620 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 220 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 221 |

A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS DE SANTOS E A CEGUEIRA DOS SABERES DE MORIN PELO VIÉS DOS REGIMES DE INTERAÇÃO DE LANDOWSKI

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 15/05/2021

Wiliana Carneiro Carvalho

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Araguaína - TO
<https://orcid.org/0000-0002-5378-481X>

Noelma Oliveira Barbosa

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Araguaína – TO
<http://lattes.cnpq.br/5334790503346123>

Bruno Gomes Pereira

Centro Universitário Anhanguera Pitágoras
Ampli
Santo André - SP
<https://orcid.org/0000-0003-4083-3210>

Juscelino Laurindo dos Santos

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Araguaína – TO
<https://orcid.org/0000-0002-7717-8224>

RESUMO: A semiótica, enquanto ciência dos sentidos, é apresentada aqui através de uma leitura sobre as críticas: de Boaventura à razão indolente (de Leibiniz) e de Morin à cegueira dos saberes, considerando que os Regimes de interação de Landowski emergem nos contextos onde se relacionam os sujeitos no seu dia-a-dia. Trata-se, portanto, de um trabalho de pesquisa bibliográfica, no qual são mobilizadas diferentes teorias para a compreensão da complexificação dos diálogos interdisciplinares

que ora são mobilizados. O primeiro propõe a razão cosmopolita que se opõe ao modelo de racionalidade ocidental, o segundo sugere um paradigma emergente que considera a complexidade das relações sociais, e, o último refere-se às relações inerentes às diversas situações sociais, explicando a diversidade de experiências reais, nas quais os regimes de interação (programação, manipulação, ajustamento e acidente) aparecem. Este se assemelha aos contextos relacionados à produção de inexistência e de cegueira dos saberes, onde a ciência ocidental ainda prevalece como paradigma dominante.

PALAVRAS-CHAVE: Regimes de interação e sentido; Cegueira; Sociologia; Diálogo.

SOCIOLOGY OF THE ABSENCES OF SANTOS AND THE BLINDNESS OF THE KNOWLEDGE OF MORIN THROUGH THE BIAS OF LANDOWSKI INTERACTION SCHEMES

ABSTRACT: Semiotics, while a science of the senses, is presented here through a reading about the criticisms: from Boaventura to indolent reason (from Leibiniz) and from Morin to the blindness of knowledge, considering that Landowski's interaction regimes emerge in the contexts where they relate subjects in their day-to-day lives. It is, therefore, a work of bibliographic research, in which different theories are mobilized to understand the complexification of the interdisciplinary dialogues that are now mobilized. The first proposes the cosmopolitan reason that is opposed to the Western rationality

model, the second suggests an emerging paradigm that considers the complexity of social relations, and the last refers to the relationships inherent to different social situations, explaining the diversity of real experiences. , in which the regimes of interaction (programming, manipulation, adjustment and accident) appear. This is similar to contexts related to the production of nonexistence and blindness of knowledge, where Western science still prevails as the dominant paradigm.

KEYWORDS: Interaction and sense regimes; Blindness; Sociology; Dialogue.

1 | INTRODUÇÃO

A busca pela compreensão das relações que se estabeleceram na modernidade do século XXI leva-nos constantemente a alguns questionamentos acerca da situação presente das ciências no seu conjunto e do sentido de progresso que a ciência dos séculos passados nos tem imposto ainda hoje. Ou seja, modelos teóricos eficientes e metodologias estritas de apreensão da realidade são postas sobre o mundo. Entretanto, esses modelos de compreensão do mundo nos apresenta como horizonte um conhecimento utilitário e funcional, por vezes desprovido da capacidade de domínio e transformação do real. Dessa forma, não mais satisfaz à complexidade que a sociedade moderna se tornou.

É nesse contexto que são construídos diferentes paradigmas referentes à estrutura social em que o sujeito está imerso. Tais paradigmas são modelos de construção científica que se remodelam em conformidade com as razões pragmáticas que a contextualiza. Nos últimos anos, além disso, também é possível entender que tais reformulações nos paradigmas tentam responder, também, as especificidades do objeto a ser pesquisado, o que engloba questões extralinguísticas, de natureza sociológica, filosófica, pedagógica e de outras várias áreas do conhecimento humano.

Estudiosos apontam que a crise do paradigma dominante do conhecimento e sua impositiva identidade social global é o resultado da confluência de uma pluralidade de condições que, surgidas no cerne das sociedades contemporâneas, denunciam a decadência desse paradigma precedente, o qual desconhece as relações entre a produção-reprodução da existência e a formação dos sujeitos como humanos do seu tempo. Esse paradigma dominante contrapõe a moralidade das regras da produção capitalista à afirmação desses sujeitos e de suas necessidades e direitos, o que resulta em crise existencial, principalmente, para os grupos minoritários (cf. SANTOS, 2012).

Essa nova análise da sociedade tem trazido novos questionamentos ao modelo de racionalidade dominante, este imposto como a única forma credível de conhecimento. Ao partir dessa perspectiva, o presente artigo busca traçar um diálogo entre três autores, o sociólogo português Boaventura Sousa Santos, com sua Sociologia das Ausências; o sociólogo francês Edgar Morin, com sua Inteligência Cega e o Paradigma da Complexidade, e; o semiólogo e sociólogo francês Eric Landowski, com seus Regimes de Interação e os sentidos e nuances de Presenças do Outro. Esses três autores questionam a efemeridade

humana, dadas às condições de manutenção da vida e das relações que se estabelecem entre produtor e produto do conhecimento, onde muitas experiências reais não são observadas no centro dessa produção, contrariando, assim, o entendimento de que o todo é maior que a soma das partes.

Boaventura Sousa Santos põe em questão as vozes das “minorias” que, segundo ele, são ocultadas e desacreditadas por estarem fora dos centros hegemônicos de produção da ciência social. O autor faz sua crítica ao que chama de razão indolente (de Leibniz) e chama de “desperdício de experiências” o fato de toda a produção da cultura e do conhecimento inerente a essa minoria ser desvalorizada e colocada à condição de “não credível”. Paralelamente, Edgar Morin mostra que as ignorâncias, que ele chama de cegueiras são perigos, pois têm caráter comum e resulta de um modo mutilador de organização do conhecimento, incapaz de reconhecer e apreender a complexidade do real. Enquanto Eric Landowski, com a sua teoria semiótica, funda os regimes de interação, que buscam explicar as relações existentes entre as práticas sociais em sua diversidade, propondo uma possibilidade de narratividade capaz de descrever as ações realizadas pelos seres humanos nas diversas situações em contexto social.

2 I SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS DE BOAVENTURA

A proposta da Sociologia das Ausências, apresentada por Boaventura Sousa Santos em seu ensaio intitulado “Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências” e elaborada a partir de uma reflexão epistemológica, fruto do desenvolvimento de um projeto que trouxe o título de “A investigação da participação social”. Esse projeto foi dirigido pelo autor em seis países, cinco dos quais, semiperiféricos e de diferentes continentes (África do Sul, Brasil, Colômbia, Índia e Portugal), mostra iniciativas, movimentos e experiências nas áreas temáticas: democracia participativa; sistemas de produção alternativos; multiculturalismo, direitos coletivos e cidadania cultural; alternativas aos direitos de propriedade intelectual e novo internacionalismo operário. Para confirmar a hipótese de que “os conflitos entre a globalização neoliberal hegemônica e a globalização contra hegemônica são mais intensas nesses países, o autor selecionou o sexto país dessa pesquisa, como país periférico e dos mais pobres do mundo: Moçambique.

O projeto propunha-se “estudar as alternativas à globalização neoliberal e ao capitalismo global, produzidas pelos movimentos sociais e ONGs na luta contra a exclusão e discriminação em diferentes domínios sociais. visou “determinar em que medida a globalização alternativa está sendo produzida a partir de baixo e quais são as suas possibilidades e limites”. Uma investigação, portanto, fora dos centros hegemônicos e de produção da ciência social, cuja implicação resultou no cruzamento de diferentes culturas e formas de interação entre a cultura e o conhecimento científico ou entre o conhecimento científico e o não científico. Essa iniciativa debruçou-se sobre lutas e movimentos

alternativos, segundo o autor, fáceis de desacreditar e localizadas demais para constituir-se alternativas credíveis ao capitalismo.

Assim sendo, foi possível ao autor considerar que a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ocidental conhece e considera importante. Isso é uma riqueza social que ele considera desperdiçada e que, desse desperdício, nutrem-se as ideias de que “a história chegou ao fim”, que não há mais alternativas. Daí, o autor acredita que para combater o desperdício da experiência, tornar visíveis as iniciativas e movimentos alternativos e lhes dar credibilidade, *de pouco serve recorrer à ciência social tal como a conhecemos*, pois a considera responsável por esconder ou *desacreditar* as alternativas. É necessário um modelo diferente de racionalidade, não um novo tipo de ciência social

Boaventura Sousa Santos argumenta que sem uma crítica contundente ao modelo de racionalidade ocidental dominante, qualquer proposta de análise social, por mais alternativas que se julguem, tenderá a reproduzir o mesmo efeito de ocultação e descrédito. Assim, ao proceder-se a essa crítica, baseado na racionalidade indolente de Leibniz, o autor propõe os prolegômenos de outro modelo de razão, uma *razão cosmopolita*, para a qual a sociologia das ausências é o primeiro procedimento sociológico a ser realizado. Como ponto de partida, são necessárias três situações:

| | |
|----|---|
| 1ª | A compreensão do mundo excede em muito a compreensão ocidental do mundo; |
| 2ª | A compreensão do mundo e a forma como ela cria e legitima o poder social tem muito a ver com as concepções do tempo e da temporalidade; |
| 3ª | A característica mais fundamental da concepção ocidental de racionalidade é o fato de, por um lado, contrair o presente e, por outro lado, expandir o futuro. |

Quadro 01: Situações de Saberes.

Fonte: SANTOS (2002)

Para o autor, a razão metonímica apropriou-se de debates antigos como entre o holismo e o atomismo, ainda hoje continua a presidir aos debates mesmo quando se introduziu neles o multiculturalismo e a ciência passou a multicultural. Os saberes que não são científicos, nem filosóficos e não são ocidentais continuam fora do debate. Por isso não houve, segundo o autor, estruturação da ciência. As possíveis variações do movimento ou desenvolvimento das partes não afetam o todo e são vistos como particulares. Assim, há uma homogeneidade entre o todo e as partes, as quais não possuem existência fora da relação com a totalidade.

Por esse pensamento, são várias as lógicas e os processos através dos quais a razão metonímica produz a não existência de tudo aquilo que não cabe na sua totalidade e no seu tempo linear. É essa monocultura racional que une as diferentes lógicas de produção de não existência social, que resultam na subtração do mundo e na contração do

tempo presente, entendido como desperdício da experiência, aparecem em cinco formas principais: o ignorante, o residual, o inferior, o local e o improdutivo. As realidades que estas conformam estão apenas presentes como obstáculos em relação às realidades que contam como importantes (científicas, avançadas, superiores, globais ou produtivas).

Ao proceder à Sociologia das Ausências, o autor parte de indagações que visam identificar os modos de confrontar e superar a concepção de totalidade e a razão metonímica que a sustenta, pondo em questão cada uma das lógicas de produção de inexistência e opondo-lhes os respectivos modos de ecologias.

| Lógicas de produção de inexistência (monoculturas) | Ecologias |
|---|--|
| <p>Lógica do saber e do rigor do saber – a transformação da ciência moderna e da alta cultura constituem critérios únicos de verdade e de qualidade estética. A não existência assume a forma de ignorância ou de incultura.</p> | <p>Ecologia dos saberes – a identificação de outros saberes e critérios de rigor que operam credivelmente em contextos e práticas sociais; o confronto e o diálogo entre diferentes processos, através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias.</p> |
| <p>Lógica do tempo linear – a ideia de que a história tem sentido e direção únicos e conhecidos. Progresso, revolução, globalização trazem a ideia de que na frente do tempo seguem os países centrais do sistema mundial. Declara como atrasado tudo o que, segundo a norma temporal, é assimétrico em relação ao que é avançado.</p> | <p>Ecologia das temporalidades – para restituir a temporalidade própria e a possibilidade de desenvolvimento autônomo dos ausentes, este domínio visa libertar práticas sociais do seu estatuto de resíduo. As experiências são consideradas residuais porque são contemporâneas de forma à temporalidade dominante, o tempo linear não é capaz de reconhecer.</p> |
| <p>Lógica da classificação social – assenta-se em atributos que negam a intencionalidade da hierarquia social. A relação de dominação é a consequência e não a causa da hierarquia e pode ser mesmo considerada como uma obrigação de quem é classificado superior, como se houvesse uma naturalidade da inferioridade.</p> | <p>Ecologia dos conhecimentos – uma nova articulação entre o princípio da igualdade e o princípio da diferença e abre caminho para a possibilidade de diferenças iguais – ecologia de diferenças feita de reconhecimentos recíprocos. Consiste na desconstrução tanto da diferença quanto da hierarquia.</p> |
| <p>Lógica da escala dominante – o universo e o global são formas que expressam a escala dominante na modernidade ocidental. O universalismo é a escala das entidades ou realidades que vigoram independentemente de contextos específicos. A não existência é produzida sob a forma do particular e do local.</p> | <p>Ecologia das trans-escalas – recuperação do que no local não é efeito da globalização hegemônica. Ao desglobalizar o local, relativamente à globalização hegemônica, a sociologia das ausências explora também a possibilidade de uma globalização contra hegemônica, amplia a diversidade das práticas sociais ao oferecer alternativas ao globalismo localizado.</p> |

| | |
|---|--|
| <p>Lógica produtivista – assenta-se na monocultura dos critérios de produtividade capitalista e aplica-se tanto à natureza – improdutividade é esterilidade, quanto ao trabalho humano – improdutividade é preguiça ou desqualificação</p> | <p>Ecologia da produtividade – consiste na recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, das cooperativas operárias, das empresas autogeridas, da economia solidária, etc. que o modelo produtivista capitalista ocultou ou descredibilizou.</p> |
|---|--|

Quadro 02: Lógicas de produção de inexistência (monoculturas) e respectivos modos de ecologia.

Fonte: SANTOS (2002)

A sociologia das ausências busca reconstruir o que são essas formas para além da relação de subalternidade, objetivando revelar a diversidade e multiplicidade das práticas sociais e credibilizar o conjunto por contraposição à credibilidade exclusiva das práticas hegemônicas. Para isso, segundo o autor, é necessária imaginação sociológica, na forma da imaginação democrática – que permite o reconhecimento de diferentes práticas e atores sociais e da imaginação epistemológica. Essa democracia deve permitir diversificar os saberes, as perspectivas e as escalas de identificação, análise e avaliação das práticas. O que é possível através daquilo que Boaventura Sousa Santos chama de *Processo de Tradução*.

O trabalho de tradução procura captar a relação hegemônica entre as experiências e o que nestas está para além dessa relação. Incide tanto sobre saberes (onde assume a forma de uma *hermenêutica diatópica*, que parte da ideia de impossibilidade da completude cultural, voltando-se para a interpretação entre duas ou mais culturas com vistas a identificar preocupações isomórficas entre elas e as diferentes respostas que as fornecem), quanto sobre as práticas sociais e seus agentes. Essas práticas, por envolverem conhecimento, são também práticas de saber, importante entre práticas não-hegemônicas, uma vez que a inteligibilidade entre elas é uma condição da articulação recíproca.

Em síntese, o trabalho de tradução é complementar ao da sociologia das ausências, pois, tendo em vista o que traduzir, entre quem, quem e quando traduzir e seus objetivos, cria a inteligibilidade, coerência e articulação num mundo enriquecido pela multiplicidade e diversidade. Estes, fruto do aumento das experiências disponíveis e possíveis emergidas por esta mesma sociologia. Tudo isso nos diz que a tradução é, simultaneamente (e por excelência), um trabalho intelectual e político, necessário para *dar sentido ao mundo depois de ele ter perdido o sentido e a direção automáticos* que a modernidade ocidental pretendeu conferir-lhes ao planificá-lo (SANTOS, 2002).

3 | A INTELIGÊNCIA CEGA DE MORIN

Edgar Morin demonstra uma séria inquietação com toda a problemática surgida em decorrência do avanço do conhecimento e do desafio que a globalidade coloca para o

século XXI. Da mesma forma que Santos (2002), contrapõe seus conceitos aos princípios cartesianos de fragmentação de saberes e dicotomia das dualidades e sugere que um novo paradigma seja pensado para lidar com os problemas da contemporaneidade, já que, segundo ele, a questão de organização do conhecimento é resultante da lógica comandada por paradigmas, os quais determinam a nossa visão das coisas e do mundo.

Ao falar da teoria da complexidade e transdisciplinaridade em seu livro *Introdução ao Pensamento Complexo*, o autor nos apresenta o texto “A inteligência cega”, como parte desse escrito, onde traz uma análise bem crítica sobre a existência humana, criticando exatamente a pretensão de se buscar pesquisas que sejam exatas e simétricas, uma vez que baseados em paradigmas já estabelecidos e que, por assim ser, não mais condizem com as demandas do homem moderno.

O autor argumenta que essas ignorâncias são espécie de cegueiras, as quais são perigosas, pois têm caráter comum e resulta de um modo deturpado de organização do conhecimento, que não pode ou não é capaz de reconhecer e apreender a complexidade do mundo real, esta enquanto “tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal”. (MORIN, 2007, p. 20)

Assim, a inteligência cega, como resultado da disjunção, redução e a abstração, positivos até o século XX, não pode contribuir com a ciência do século XXI. Esse paradigma, segundo ele, separa o observador e a coisa fruto de sua observação, destruindo dessa forma os conjuntos e as totalidades e levando-nos a uma mutação do conhecimento, o qual ignora as formas de saberes que sustentam as relações humanas e não permite que as ciências possam trocar informações e favorecer o avanço de um conhecimento mais profundo.

O autor não objetiva trazer metodologias e nem atalhos que evidenciem o vínculo entre os diferentes saberes, ou entre as ciências, mas “sensibilizar para as enormes carências de nosso pensamento, e compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes.” (MORIN, 2007, p. 15).

A partir desse ponto, Edgar Morin nos fala sobre o *sistema aberto*, enquanto forma de conexão com o meio ambiente, que busca explicar o caráter inconstante e determinado do ecossistema, sugerindo, com a sua *scienza nuova*, que a pesquisa possa se utilizar de teoria, metodologia e epistemologia, e que seja aberta para trocas, pois considera o saber completo inatingível e o complexo sempre como parte do universo.

4 | OS REGIMES DE INTERAÇÃO DE LANDOWSKI

Baseado na oposição contínuo/descontínuo, Eric Landowski funda os regimes de interação como modelos parciais de explicação da realidade, os quais podem ser identificados no discurso das diversas relações humanas ou mesmo nas interações com objetos animados ou inanimados e, nos mais variados contextos movidos por competências

e papéis que justificam sua existência. As diferentes formas de viver, de lidar com o outro fazem surgir, junto a cada situação, diferentes modos de interagir.

A regularidade das ações rotineiras (dia a dia) em casa, no trabalho, no percurso entre um e outro; a motivação e a intenção que se tem ao executar alguma atividade; a sensibilidade no ato de realização dessa atividade e a possibilidade do inesperado são exemplos simples de como ocorrem essas interações entre os indivíduos e entre os indivíduos e as coisas, estejam eles onde estiverem com suas intenções e propósitos.

O autor apresenta, então, quatro modelos de narratividade, capazes de descrever e analisar o real em um *fazer fazer* em diferentes estilos.

| Os Regimes de Interação | |
|-------------------------|---|
| Programação | Fundado na <i>regularidade</i> simbólica ou causal, promove a <i>segurança</i> na execução de alguma atividade, o que acaba tornando a realidade <i>insignificante</i> , através do congelamento do papel temático. |
| Manipulação | Fundado na <i>intencionalidade</i> , apresenta um risco limitado, ou seja, só há risco até o sujeito da intencionalidade achar necessário continuar com seu propósito. Busca ter significação através de um <i>fazer</i> o outro <i>querer</i> (competência modal) por motivação decisória ou consensual. |
| Ajustamento | Fundado na <i>sensibilidade</i> , apresenta o risco da <i>insegurança</i> e busca fazer sentido através de uma sensibilidade perceptiva ou reativa, isto é, um <i>fazer</i> o outro <i>sentir</i> (competência estética). |
| Acidente | Fundado na <i>eventualidade</i> , visto como uma <i>probabilidade</i> mítica ou matemática, apresenta o <i>risco puro</i> . A insensatez é o sentido provocado pelo papel catastrófico. |

Quadro 03: Os Regimes de Interação, segundo Eric Landowski.

Fonte: LANDOWSKI (2014)

Assim como Algirdas Julien Greimas (1983), Eric Landowski vê no *contínuo* o mundo da ordem, no qual todas as interações são tão bem programadas que surge, em decorrência disso, uma necessidade em quebrar o enfado dos programas fixos; inventa, então, as condições do ajustamento, a sensibilidade e a estesia (OLIVEIRA, 2010, p. 10-12) e, ainda, o acidente que será a total negação desse *contínuo* insignificante. Ao ocupar-se desses regimes remete-nos a tantas maneiras gerais e diferenciadas de estar no mundo, vendo na teoria sociosemiótica uma contribuição para explicar as experiências sociais reais.

Tendo como objeto de estudo o sentido, a sociosemiótica é uma teoria de produção e de apreensão do sentido em ato e tem o papel de teorizar seu objeto a partir da interação que lhe servirá de instrumento articulador. Pensar o sentido e analisá-lo sociosemioticamente por meio dos objetos dentro dos seus diversos contextos é trazer a noção de interação no problema da significação, conforme Eric Landowski.

A sociosemiótica surge, portanto, nas práticas de construção, de negociação e de intercâmbio de sentido que, por sua vez, são responsáveis por construir o “social” enquanto

universo de sentido, isto é, a análise dos processos (as interações) entre sujeitos ou entre o mundo e os sujeitos. Trata-se da semiótica da ação, a atenção volta-se para o ato em que o objeto se apresenta, considerando por parte do sujeito, a *leitura*, o reconhecimento das formas da realidade e, a *captura* dos objetos, a apreensão do sentido por meio do sensível, o que implica as diferentes “formas de ser o mundo”, as diferentes formas de olhar um objeto. Eis que é nesse ponto que se encontra a problemática da interação, oriunda das narrativas do mundo, de onde se espera distintos modos de significação, em modos de ler e de capturar diferentes e, portanto, regimes de interação também distintos.

Nesse sentido, os encontros entre os actantes acontecem de duas formas: por *interação* e por *coincidência*. A **interação** propriamente dita decorre das relações por intencionalidade e pelo contato através da sensibilidade, ambos mediados pela competência modal ou estésica, por meio da manipulação ou do ajustamento. A **coincidência** acontece quando dois percursos independentes se cruzam por meio de uma relação, por uma instância terceira que determina os papéis temáticos próprios a cada ator que, em acordo com as circunstâncias, os fazem entrar em conjunção ou em colisão, na programação ou no acidente. O que constrói o sentido em tudo que se faz, em qualquer que seja a situação, são as relações existentes, o intercâmbio, as mediações entre os *actantes*¹.

5 | O RECONHECIMENTO DO *OUTRO*², A COMPLEXIDADE EM QUESTÃO E OS PROCESSOS DE TRADUÇÃO

Ao propor a sociologia das ausências, Boaventura Sousa Santos tenta mostrar a existência inesgotável de experiências sociais em curso hoje, considerando o presente um momento amplo, cheio de oportunidades e disponibilidades, as quais não se deve desperdiçar. Apropriar-se delas é uma alternativa de acréscimo, de conhecimentos e de valores diversos das diferentes práticas sociais. Segundo o autor, há, agora, uma relação de junção entre o que não se considerava ou não era importante no modelo de racionalidade ocidental com o tempo presente, antes contraído e não valorizado em sua amplitude. O presente é expandido e entra em conjunção com o “agora”, com a diversidade de experiências sociais do hoje que, para Edgar Morin, são formas de saber que devem dialogar entre si para o reconhecimento dessa amplitude.

As lógicas da não-existência, apontadas e explicadas por Boaventura Sousa Santos e entendidas em Edgar Morin como pensamento mutilador, que desvincula observador e coisa observada, são as verdadeiras responsáveis pela disjunção de todo esse aparato de alternativas, com o “momento”, que deveria permitir sua existência como algo disponível (o presente), enquanto forma, também, de conhecimento de outras realidades fora dos centros hegemônicos, outras vivências ou diversidade de saberes (MORIN, 2007), culturas,

1 Aquele que realiza ou sofre um ato. Actantes na narração (ou no enunciado): sujeito/objeto; destinador/destinatário. (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p.12)

2 LANDOWSKI (2012, p. 4).

principalmente, de experiências daqueles grupos ocultados pela razão indolente.

A esse respeito, ao propor a dilatação do presente, Boaventura Sousa Santos pretende a proliferação das totalidades. Que estas coexistam com outras formas de “pensar os termos das dicotomias fora das articulações de poder que os unem, como primeiro passo para o libertar dessas relações, e para revelar outras relações alternativas que têm estado ofuscadas pelas dicotomias hegemônicas” (2002, p. 246). Essa reflexão Edgar Morin busca ao falar das trocas de saberes, com a concepção de *sistema aberto* e sugestão da *scienza nuova*.

Edgar Morin, ao falar da *Complexidade*³, faz referência ao que, em suas palavras, seria o *outro* e a *não-existência*. Estes como uma parte cindida dentro do seu contexto e importância. Uma parte que está dentro de um todo composto por várias outras partes e que precisam estar em diálogo: articular as partes, possibilitar a troca, incorporar unidade e diversidade com coerência. À medida que há superação de conhecimento, automaticamente, por outro lado, há uma ignorância a respeito de algo, havendo sempre o desconhecimento sobre alguma coisa. Desta forma, haverá sempre a necessidade da pesquisa sobre novas formas de metodologias. A crítica de Boaventura Sousa Santos é pertinente ao trazer à tona uma proposta de racionalidade que permita o aparecimento e a existência de outras alternativas de pensamento, de saberes e de práticas sociais. Este autor mostra, através de sua sociologia, os “processos de tradução”, no qual se dá a interação por *ajustamento*, por meio do diálogo entre o diverso.

Deste princípio de incompletude de todos os saberes decorre a possibilidade de diálogo e de disputa epistemológica entre os diferentes saberes. O que cada saber contribui para esse diálogo é o modo como orienta uma dada prática na superação de uma certa ignorância. O confronto e o diálogo entre saberes é um confronto e diálogo entre processos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias. (SANTOS, 2002, p. 250)

Nesse momento, ocorre o ajustamento por meio das relações sensíveis em que as presenças dos corpos experimentam o sentir o *outro* em ato, pelos mecanismos de sentir, de interagir, de enunciar, somando significados, saberes, culturas, conhecimentos, e ressignificando-os na duração da interação. Boaventura Sousa Santos, um investigador por excelência sobre a amplitude da compreensão do mundo, tenta fazer, dessa forma, o ajustamento entre as sociedades credíveis e não credíveis, através da tradução de saberes, isto é, sentir como o próprio autor fez, ao ir a campo, conhecer e ver de perto a forma como vivem esses grupos, como pensam e como agem essas sociedades fora dos centros hegemônicos. Em metodologia contrária a essa, reside exatamente a crítica da inteligência cega de Edgar Morin, a busca por pesquisas que sejam exatas e simétricas, obedecendo os paradigmas já estabelecidos.

3 MENDES, Iba. A teoria do pensamento complexo de Edgar Morin. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2011/03/teoria-do-pensamento-complexo-de-edgar.html>. Acesso em 15/09/2015.

Recorre-se sempre ao modo de viver capitalista para compreender as formas de descrédito do diverso. Os sujeitos são manipulados pela filosofia do ter, do consumismo, onde o mais importante é adquirir o que é divulgado na mídia através dos meios de comunicação. Não há mais busca por valores, realizações honestas e éticas. Além disso, o capitalismo promoveu a divisão do trabalho e também de “classes” sociais, baseados na força do trabalho e da venda de mão-de-obra, surgindo assim o que Edgar Morin chama de *simplificação*⁴, especialização em determinadas áreas de conhecimento etc. O progresso tecnológico impôs um novo padrão de conhecimento, menos discursivo e mais operativo, portanto, divisor de grupos, que bem se observa nas lógicas de produção de *não existências* de Boaventura Sousa Santos.

A lógica produtivista classifica o improdutivo como desqualificado e preguiçoso, a lógica da classificação social deixa claro a naturalidade do inferior a outrem, como consequência e não causa e, daí se coloca como detentora do conhecimento. São poucas as realidades locais que vigoram com destaque ou como credíveis, aquelas que se sobressaem fazem com que, inconscientemente, as outras se tornem ou se sintam naturalmente inferiores e atrasadas diante delas.

Nesse viés, de diferentes modos de pensar, produzidos a partir da visão capitalista excludente das minorias e sobre a qual Boaventura Sousa Santos refere-se em sua pesquisa dentro dos centros hegemônicos e não hegemônicos, é caracterizada pela cegueira a que criticou Edgar Morin. É que o pesquisador em sociosemiótica direciona seu olhar, atentando-se para a distinção dos “modos de ser” e observando o *aqui* e o *agora* (o ato) do seu objeto.

As formas como interage cada sujeito de ação, agindo segundo cada uma das lógicas, constroem o sentido em cada situação colocada. Dessa maneira, o modo operacional de trabalho traz relações em que os indivíduos interajam por *programação*, objetivando unicamente a eficácia na produção do trabalho. Consequentemente, o que se vê após a produção em grandes quantidades é o comércio dos produtos, que depois são anunciados na mídia, em propagandas elaboradas intencionalmente para convencer o suposto consumidor, emergindo aí interação por *manipulação*.

Nos casos citados acima, entraram em questão as figuras do manipulador e do programador dotados de competências modais: fazer fazer, fazer saber, fazer querer. O acidente ocorre quando, na ação programática, o sujeito da ação modifica toda a sua programação rotineira, então o resultado é o descontínuo, a interrupção do seu trabalho em virtude do inesperado ou do acaso. Já o ajustamento ocorre quando os actantes interagem entre iguais, seja entre humanos ou entre humanos e não humanos, ambos sentindo o outro de forma estésica, por meio da sensibilidade do corpo. Percebe-se o ajustamento nos processos de tradução sobre o qual fala Boaventura Sousa Santos e no diálogo dos

4 MENDES. Iba. A teoria do pensamento complexo de Edgar Morin. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2011/03/teoria-do-pensamento-complexo-de-edgar.html>. Acesso em 15/09/2015.

saberes, advogado por Edgar Morin.

6 I AS LÓGICAS DA NÃO EXISTÊNCIA, A CEGUEIRA E A PROGRAMAÇÃO

Ao referir-se ao risco aceito em Interações Arriscadas, Eric Landowski (2012, p.17) traz a questão de que não se deve ter por base somente certezas absolutas, para não inibir o desejo de ação, nem submeter-se puramente ao aleatório para não lançar-se às incertezas e às possibilidades de catástrofes. Nesse sentido, planejar para tentar prever uma determinada situação como forma de controle da ordem não seria tão ruim, porém, se demasiadamente feito, um indivíduo, deste modo, condena-se ao imobilismo. Rejeitar esse controle é correr o risco daquilo que o desconhecido pode trazer. Programar é lidar de forma que não haja diálogo, justamente pelo fato de somente comunicar, não havendo espaço para a conversa, para trocas; portanto, o outro é impossibilitado de expressar seu pensamento. A não-existência é consequência do “fazer como todo mundo”, esta em prol de “um valor universal aos usos locais”, aos modos de viver, de agir e reagir, de sentir e de pensar que são os nossos (LANDOWSKI, p.05, 2012). O Outro não é reconhecido dentro de suas particularidades, reconhecem-se apenas as diferenças de identidade, as quais são vistas como uma ameaça em sua homogeneidade, enquanto há uma consciência coletiva que determina a verdade e a ordem. Eis o contínuo ao qual se refere Eric Landowski. Ao depararmos com a visão de Boaventura Sousa Santos, que almeja uma reinvenção da emancipação social, e com a visão de Edgar Morin, em sua busca por um novo paradigma, percebe-se que o modo de ser gerado com/pelo capitalismo é dominante e regido por competências modais⁵ identificáveis no que podemos chamar atualmente de organizações sociais.

Ao lidar com práticas sociais, os três autores percebem o mundo de forma monótona pelo excesso de coesão, dessemantizado pela demasia de precauções e prudências caracterizadas pela ação programática. As lógicas das quais fala Boaventura Sousa Santos e a cegueira criticada por Edgar Morin são “frutos” do capitalismo (que influencia e domina os comportamentos humanos), do apego ao modelo ocidental de ciência e das organizações sociais, que, movidas por reduzir os riscos de fracasso, organizam suas atividades com objetivos bem definidos. A não-existência e a cegueira são produtos dessas relações, que promovem o determinismo, a definição de papéis temáticos apropriados em suas devidas funções e suprimem os modos de pensar do outro.

São estas monoculturas legítimas, não havendo espaço para outras práticas de saberes. A lógica produtivista é perceptível no trabalho humano por objetivar a produção e o lucro, onde permanece a ideia de gestão, previsão, controle e êxito. Um bom exemplo é a Educação brasileira que passou a ser caracterizada como um serviço, uma organização

⁵ BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria do Discurso: fundamentos semióticos. São Paulo. Editora Humanitas, 2001, p.49

social sempre movida pela lógica da segurança em suas previsões para alcançar o sucesso. Assimiladoras, essas organizações “modelam” os indivíduos numa adaptação unilateral, em um fazer ser de acordo com sua necessidade de busca de lucros e de bons resultados perante a concorrência do mercado.

No regime da programação, “conversar” consiste no fundo em praticar uma forma de monólogo a dois (ou a vários): tem-se aí a modalidade mínima da interlocução, reduzida seja a trocas de opiniões convencionais,[...], seja a um quadro de perguntas e respostas delimitadas por um quadro e objetivos precisos, como na “consulta” médica ou jurídica. Cada qual reproduz aí uma espécie de texto previamente escrito, série de enunciados requeridos pela situação, como se a língua mesma ou qualquer outra codificação do dizer funcionassem sozinhas pela boca dos locutores. [...] quanto mais programada pelo contexto parece cada intervenção, mais seu sentido se presta a ser adivinhado de antemão e mais a interlocução tende à insignificância. (Landowski, 2014, p. 91)

Cabe lembrar que os condicionamentos socioculturais, derivados da coerção social ocorrem exatamente por causa dessas regularidades comportamentais programadas pelo social. “Uma sociedade que, em nome da conservação da vida, não permitisse a seus membros atuar a não ser baseando-se em certezas absolutas condenar-se-ia a um imobilismo mortal” (LANDOWSKI, 2014, p.18)

A lógica da classificação social distribui e classifica a população em categorias, hierarquiza e faz seguir a ordem do que está planejado, prevendo acontecer coincidentemente o que está previsto. Uma mudança no plano, pequena que seja, poderia levar à catástrofe, por isso, a ideia de prudência. A lógica do tempo linear se manifesta na assimetria que denuncia o atraso e o avanço, responsável por diferenciar os lugares. A linearidade do tempo produz uma monocultura que ignora o presente e exclui o que é atrasado em termos de progresso, tornando-o “resíduo” do que é dito tradicional, obsoleto ou subdesenvolvido, por exemplo. O progresso está ligado ao capitalismo. Assim, as diferenças naturalizam-se e reforçam-se continuamente, resultando desse modelo classificatório existente na sociedade. Haverá sempre entidades aptas a vigorarem mais que outras, tornando-se rivais e fazendo “incapacitadas” daquelas não reconhecidas. Nesse sentido, a alteridade, palavra definida por Eric Landowski como diferenças vindas de alhures, também é vista como ameaça à homogeneidade dita imutável, muitas vezes provoca a exclusão social de determinados grupos, “as minorias”. Estes são também considerados como produtos das lógicas de não-existência e cegueira de saberes. Edgar Morin deixa claro que o diálogo é a melhor forma de compreender a complexidade dessas realidades, é estar aberto ao universo (MORIN, 2008, p. 30), é contextualizar e compreender o global, reconhecendo tudo o que é singular. Nesse ponto, Eric Landowski tem o ajustamento como uma forma sensível de interagir emergente nesses contextos de reconhecimento do outro.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por dedicar-se a registrar as condições de emergências do sentido, baseando-se nos contextos situacionais, a semiótica contribui para uma melhor compreensão da diversidade de condições dessas emergências. “Os indivíduos humanos produzem a sociedade em e mediante suas interações, mas a sociedade, enquanto um todo emergente, produz a humanidade desses indivíduos trazendo-lhes a linguagem e a cultura.” (MORIN, 2000). Dessa maneira, os estilos de sentido se configuram exatamente junto aos regimes de interação de sentido, emergentes nas relações entre os indivíduos em sociedade, em qualquer que seja a ocasião. Constrói-se, então, o sentido na implantação do outro, na interação com o outro, nos pontos de vista relativos à posição do observador em relação à experiência considerada. Boaventura Sousa Santos, Edgar Morin e Eric Landowski dialogam à medida que se valem das experiências sociais como um ponto de partida para a busca do sentido, seja através das interações, das linguagens, das culturas, no ato mesmo da interação, percebendo o aqui e o agora, numa busca por uma sociedade mais justa (i) por Boaventura Sousa Santos, através da crítica à sociologia das ausências; (ii) por Edgar Morin, com a crítica à cegueira do saber em busca de um novo paradigma; e, (iii) por Eric Landowski, na busca do sentido que é construído pela sociedade nas relações decorrentes dessas interações entre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.

LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

_____. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. *Galaxia*, São Paulo, n. 27, p. 10-20, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/v14n27/02.pdf>>. Acesso em: 08-09-2015.

_____. *Presenças do outro*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MENDES, Iba. A teoria do pensamento complexo de Edgar Morin. In: WALQUIL, Marcia Paul. Princípios da pesquisa científica em ambientes virtuais de aprendizagem: um olhar fundamentado no paradigma do pensamento complexo. 2008. Tese (de doutorado em educação). - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 18-30. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/2011/03/teoria-do-pensamentocomplexo-de-edgar.html>>. Acesso em: 15-09-2015. [O texto completo da tese está disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13729>].

MORIN, Edgar. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. *Estesia e experiência do sentido*. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 8, n. 2, 12 p., 2010. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/3376/3099>>. Acesso em: 15-09-2015.

SANTOS, Boaventura Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências*, n. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/pdf/1285>> Acesso em: 30-07-2015.

SANTOS, Boaventura Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 2, n. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>>. Acesso em: 07-09- 2015.

SOBRE O ORGANIZADOR

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS - Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista *ad hoc* de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0002-5472-8879. E-mail: <awsvasconcelos@gmail.com>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Andina 184, 185, 189

C

Construções 69, 76, 82

Cultura 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 20, 22, 26, 36, 37, 38, 40, 41, 49, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 94, 100, 117, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 184, 192, 196, 207, 209, 218, 220

D

Diálogo 5, 9, 65, 113, 143, 144, 145, 146, 147, 152, 153, 159, 191, 204, 205, 206, 209, 214, 215, 216, 217

Discurso 22, 33, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 72, 78, 81, 106, 110, 111, 116, 122, 126, 138, 141, 145, 146, 147, 153, 154, 172, 184, 201, 211, 216, 219

E

Ecocrítica 37, 38, 50, 220

Escravidão 7, 19, 30, 55, 60, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 133

Espaço escolar 193, 195, 196, 198, 202, 203

F

Feminino 15, 36, 69

Futebol 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

H

História 2, 3, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 28, 31, 36, 40, 44, 45, 46, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 62, 67, 71, 73, 74, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 94, 95, 96, 100, 103, 106, 111, 112, 113, 115, 119, 120, 122, 126, 127, 128, 129, 134, 140, 148, 151, 152, 155, 158, 161, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 194, 197, 202, 203, 208, 209

I

Identidade cultural 1, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 14, 68, 71

Ideologia 39, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 126

Intertexto 144, 145

L

Letras 2, 12, 16, 23, 36, 73, 88, 94, 102, 108, 110, 111, 136, 138, 156, 157, 168, 170, 182, 183, 218, 220

Linguística 63, 64, 66, 71, 72, 73, 145, 146, 200, 201, 220

Literatura 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 38, 40, 41, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 100, 101, 104, 108, 110, 111, 112, 113, 116, 125, 128, 131, 133, 134, 136, 141, 142, 143, 145, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 182, 184, 185, 191, 192, 220

M

Memória 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 43, 51, 53, 54, 57, 60, 61, 74, 81, 86, 87, 93, 97, 146, 158, 160, 164, 167, 192

Miséria 101, 102, 104, 110, 185, 189

Mitologia 184

P

Poesia 13, 122, 136, 138, 140, 141, 142, 185

Política 19, 21, 42, 52, 60, 72, 75, 77, 86, 100, 103, 105, 107, 109, 112, 113, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 178, 179, 192

Portugal 27, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 202, 207

Pós-colonialismo 25, 26, 30

Prosa 24, 65, 141, 182

Prostituição 109, 112, 113, 114

R

Representações 23, 85, 102, 106, 195, 196, 197, 198

Resistência 13, 17, 19, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 44, 77, 189

S

Simbolismo 32

Sociologia das ausências 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 218, 219

T

Teatro 113, 138, 140, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183

Transgressão 9, 32

Turismo 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021